



A FORMA SOCIAL NEGRA E OS ESPAÇOS DE REAPROPRIAÇÃO DO CORPO

Eixo Temático 39 – VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA SUA EXPRESSÃO LETAL: ABORDAGENS INTERSECCIONAIS PARA A INTERPRETAÇÃO DO FENÔMENO DO (TRANS)FEMINICÍDIOS.

Wellington Luiz Federico¹

RESUMO

A forma social afro conhecidos como terreiro é o espaço onde as minorias se articulam a partir das suas singularidades. Essa relação é um legado dos escravizados em fuga e de suas experiências na luta pela vida. Os corpos trazem performatividades gerando pertencimento. Os terreiros guardam aspectos das formações quilombolas, onde as ritualizações do mito, com os seus cânticos ressoam cosmovisões na forma do transe, onde o corpo torna-se o espaço da divindade. O transe implicaria em uma transexualidade, onde orixás performam gestos que rompem hierarquias criadas pela dominação colonial. O artigo busca refletir, como em uma conjuntura de brutalidade, os espaços da cultura negra deram conformação à espaços de liberdade abrigando outros modos de vida.

Palavras-chave: Política, Transexualidade, Candomblé.

INTRODUÇÃO

As formas sociais dispersas na diáspora negra preservam significações existenciais de uma vida comunitária organizada em torno do mutualismo, e nesse sentido coadunariam com um certo comunalismo político, que resiste ao parasitismo social praticado pelas classes hegemônicas. Nesse sentido, a forma social dos terreiros possibilita uma reapropriação do corpo. Os terreiros de candomblé, bem como os espaços da marronagem desenvolveram uma maneira intensiva de existência, que se opõe ao

¹ Filósofo, Mestre e Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ. E-mail: wellington.federico@gmail.com.



individualismo.

O mundo global produzido pela colonização produziu a racialização e a generificação para exercer a dominação política nesse sentido, é fundamental absorver as teoria de Oyèronke Oyèwumi, Judith Butler e Michael Foucault para compreender esse processo. Meus argumentos dividem-se em duas partes, onde discutirei o terreiro enquanto espaço agrário da força de realização, foco de disputas de poder, onde é plantado o axé. Mas também devemos considerar o espaço do corpo em sua plasticidade e força que se expressa em ato performativo. Essa abordagem epistemológica inverte a perspectiva onde o corpo figura como mero ponto de partida à ser instrumentalizado pela mente ou pelo espírito.

A retomada do corpo pela forma social denominada terreiro é a expressão da unidade na diversidade. Em toda diáspora os povos africanos produziram valores fundamentais para a preservação da identidade negra. A experiência dos mucambos corporificava o reencontro do negro com a dignidade, ao tomar a posse sobre si próprio.

Também conhecidos como marrones no Caribe, e como quilombos nos documentos oficiais. O mucambo sempre configurou um espaço de liberdade para os atingidos pela racialização ou generificação. Os terreiros de candomblé herdaram em certa medida esse legado, ao constituírem um espaço de liberdade para a população LGBTQi+.

A historiografia registra importantes personalidades como o ilustre babalorixá João da Golmeia e outros tantos mestres, que preservaram a memória dos povos negros. Através dos ebós e iniciações o neófito é consagrado pelas forças da natureza em uma inflexão ética do devoto quanto aos valores hegemônicos. O território agrário, bem como o território do corpo são concebidos de maneira distinta do espaço abstratamente homogêneo das ciências formais.

METODOLOGIA

É necessária uma distinção em termos dos valores hegemônicos da cultura capitalista. Desse modo, modernidade é caracterizada pela hegemonia cultural sobre o mundo. A produção de conhecimento é o campo onde essa luta acontece, pelo fato de



haver uma conjuntura global que dá suporte à uma realidade colonizadora. A modernização evoca o desenvolvimento do capitalismo imperialista, bem como o surgimento dos Estados-nação e as disparidades no sistema-mundo. O gênero ao lado das categorias raciais são os eixos fundamentais da estratificação social. Os últimos séculos descritos como era da modernidade são compreendidos como processos que resultaram na escravidão e na colonização sobre a África, Ásia e Américas.

Nesse sentido, podemos pensar nos impactos provocados pelas práticas corporais negras como por exemplo, o candomblé onde o corpo tomado pelo transe é subversivo ao inverter a ideia burguesa de identidade pessoal, através do suporte simbólico oferecido pelo mito dos orixás. O dualismo de gênero ressoa de modo que as transexualidades e a homoafetividade encontram um espaço de respeito nos espaços da culto afro. Em terras submetidas a escravidão a percepção do invisível através do pacto com as deidades guarda um elemento subversivo, onde a condição de escravo é abolida em meio a epifania dos orixás, em uma transgressão da heteronormatividade cristã colonial.

O modo de vida das travestis ocupa um lugar importante nesse modo de vida se pensarmos o lugar ocupado pelo sagrado feminino, na figura da bruxa, da feiticeira no interior da cultura afro. A concepção de quilombo como espaço de imaginação política e resistência atesta a atualidade da secessão quilombola. A reativação de mocambos não se restringe as lutas em defesa da demarcação dos territórios dos remanescentes, a práxis política do quilombo redesenha um conjunto de táticas, para além das comunidades camponesas criando novas formas de luta e organização popular.

A mobilização de uma memória africana múltipla de onde as resistências populares busca entusiasmo. A experiência negra com o corpo subverte a lógica das representações cartesianas e da racionalidade instrumental.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esse debate se insere no contexto de uma descolonização do conhecimento, que pretende encontrar modos pelos quais a pensamento africano, indígena, não cis-heteronormativo possa ser plataforma para interpretações da experiência vivida. Assim torna-se imperioso pensar a racialização ao lado das hierarquias de gênero, encontrando



confluências teóricas que possam contribuir para a ampliação da liberdade têm sido objeto de desejo de diversas gerações de ativistas e intelectuais, onde o privilégio do gênero masculino é a expressão do ethos europeu (Oyèrónké, 2021).

Podemos dizer, que o gênero é uma categoria analítica legítima na descrição do mundo reatualizando outras epistemologias. Os estudos de gênero (Butler, 2023) levam em consideração as singularidades das experiências vividas ao lado da criação dos conceitos. Dessa maneira é importante considerar que boa parte das concepções sobre gênero emanam da experiência europeia e da racialização. Um regime de produção de conhecimento onde a Europa é representada como fonte suprema de conhecimento e da verdade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O transe das liturgias afro literaliza a reconquista sobre o corpo, e se apresenta como a facticidade do corpo em sua verdade, ao contrapor dualismos de gênero. Para a cultura ocidental, o corpo é uma espécie de túmulo no qual os desejos vagam perdidos, mesmo estando à flor da pele. Nesse reencontro com o corpo se constituem as identidades de sexo e gênero.

Desse modo, não se pretende encontrar a causa do gênero, mas sim compreender uma genealogia que estude os seus efeitos. Aqui o sujeito do conhecimento é o efeito, em vez de ser a causa do fenômeno social segundo uma teoria da identidade performativa. Tal como o gênero, o corpo esconde a sua genealogia e se apresenta como um fato natural. O corpo humano é uma estrutura imaginada onde o sexo e o gênero seriam encenações que operam performativamente para estabelecer a aparência de fixidez corporal.

A forma do corpo é produto de um esquema heterossexual que dá contornos àquele corpo. O gênero e o sexo são categorias discursivas que impõem uma unidade artificial. A linguagem projeta socialmente concepções de realidade e valores sobre o corpo moldando-o politicamente à cultura vigente. Nesse sentido, gênero não é algo que somos, é algo que fazemos, uma sequência de gestos, um fazer. O gênero é um processo social, onde um conjunto de atos são ensinados e repetidos, onde a percepção do corpo é



discursivamente construídos através da exclusão e do tabu. A ciência moderna foi instrumento para o processo de exclusão produzindo justificativas para o racismo (Foucault, 2005) e para o sexismo.

Todos os corpos são generificados desde o começo da sua existência social não havendo, portanto, um corpo natural que preexista a sua inscrição cultural. Questionar a colonialidade do saber implica em realizar um movimento de problematização acerca da autoridade da ciência, no contexto das análises discursivas e das relações de poder (Foucault, 2005). Assim como no gênero, não há um corpo antes da inscrição cultural. Nesse sentido, ciência moderna constituiu um discurso excludente que pavimentou os binarismos de gênero e de sexo.

O transe místico fornece o modelo do desencadear de poderes cósmicos. A revolução haitiana teve início com a cerimônia de Bois-Caiman onde foi selado um pacto entre as deidades, os escravos e marrons em revolta. Pode-se dizer que a distinção da revolução haitiana das demais revoluções do mesmo período, como a revolução francesa e a revolução norte-americana é a espiritualidade afro-diaspórica.

Nas reuniões noturnas de vodu haitiano se difundia a subversão através de redes de corpos dissidentes, que se unem pela solidariedade e por compromissos secretos. A marronagem enquanto um planejamento fugitivo se nutre de segredos como forma de vida. Ao cair da noite aproveitando a escuridão, os negros fugiam do cativoiro para renovar pactos em torno das suas sociedades místicas. Os iniciados dos cultos afro são considerados filhos do orixá, que se reúnem em reuniões noturnas onde trabalham para subverter a ordem hegemônica.

Nesse sentido, o segredo desempenha um papel criador ao preservar valores morais. A prática do segredo dá conformação a uma comunidade vinculada por um pacto. No contexto de uma sociedade colonial essas associações são formas privilegiadas de resistência popular. O segredo é o cimento unificador entre escravos e marrons. É na sociedade secreta que se encontra a aliança noturna entre a marronagem e o vodu.

Diversos autores enxergam no ritmo a fonte do misticismo africano. Os escravizados incorporaram criativamente a dor da sua condição à um estilo artístico. Nas ressonâncias do corpo negro, as escarificações e tatuagens guardam as cosmovisões trazidas no porão do navio.



As resistências ao terror racial irão se encarnar a partir da corporeidade. A libertação do escravo implica a reapropriação do seu corpo. É por meio do ritmo que o negro traça as suas linhas de fuga ao ressignificar simbolismos através de uma cultura expressiva. O fraseado rítmico opera distinções no espaço-tempo animando o desejo por liberdade e autenticidade. Durante o transe ritual, o corpo do devoto é o suporte das deidades, onde o corpo se transfigura em um objeto de culto e devoção. Nessas confrarias negras se instauram as bases originárias da arte negra, onde o transe é uma técnica de intensificação dos fluxos permitindo que o corpo se transfigure em onda vibratória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As culturas africanas não fazem dicotomia radical entre o profano e o sagrado. No entanto passam a se identificar nas funções que os espaços litúrgicos desempenham no espaço urbano da cidade e no espaço da mata. A perspectiva do terreiro não exclui parceiros de jogo, ela produz condições para a prática de uma cosmovisão exilada. Uma reconstituição cultural vitalista que ensinou a continuidade geradora de identidade.

Nesse sentido, o modo como as formas sociais negras lidam com as questões de gênero (Butler, 2023) enfrentam a questão do sujeito transcendental ao propor um perspectivismo, onde o sujeito expressa os efeitos das relações de poder em vez de ser a sua causa primeira.

Poderíamos analisar um caso onde uma mulher manifesta o orixá Ogum. Ao entrar em transe desenvolve gestuais masculinos durante a liturgia afro-diaspórica. Vemos aqui, uma reinvenção social do corpo humano, segundo uma ordem que subverte as interdições colocadas pelo sujeito cartesiano.

Temos aqui, um embate entre o sujeito da tradição ocidental em choque com outras formas de consciência. As construções de gênero se cristalizam em formas que parecem ser naturais. Nesse sentido, o processo de transe opera na desconstrução ontológica da mulher. As teorias feministas observam como a categoria mulher é socialmente construída tornando necessário observar os interesses políticos envolvidos em nomear a origem e a causa da identidade de gênero.



Havia a diferença étnica resultado do terror racial imposto sobre as diversas nações em diáspora. No entanto, a formação sociocultural negra pôde conformar um amálgama entre bantus, gêges etc. A solidariedade nascida na travessia do Atlântico superou as rivalidades possibilitando que diversas liturgias pudessem coabitar em um mesmo espaço.

Os orixás não são apenas deidades religiosas são suportes simbólicos que conduzem regras sociais, e com isso preservam a continuidade de um grupo. A categoria de zelador é constituída em face da ameaça de desintegração dos grupos étnicos, que reelaboram continuamente suas formações sincrética reelaborando uma matriz fundadora.

A tradição afirma-se não como algo paralisante, mas como um elemento capaz de criar um amálgama de um paradigma negro. O padrão fundador negro sofre flutuações, porém preserva uma certa dinâmica com o território e com a comunicação entre diversos cultos.

Vivemos em uma era produzida pela escravidão, ou seja, os valores e concepções hegemônicas se mantêm ao preço da ruína de homens e mulheres reduzidos à uma vida estritamente biológica. Porém desde o embarque na longínqua África, algo inscrito nesses corpos resiste ao apagamento e à desumanização que o imperialismo se empenha em impor, na tentativa de converter homens em gado para a plantation.

Essa escrita em carne viva se justapõe na junção entre corpo e espírito, e se atualiza na ética e na arte. Os ritmos do Atlântico se atualizam na repetição do mito na liturgia do ritual. As escarificações na pele são o único traço que os escravizados guardam da sua terra natal. O corpo escarificado é um corpo-memória, que guarda no relevo da pele o negro a certeza da sua humanidade. Os rituais do candomblé testemunham essa atualização ritual onde cada divindade tem seus cânticos tamborilados infinitamente.

Para concluir, gostaria de dizer que os antigos rebeldes quilombolas nos deixam importantes lições transmitidas nas suas confrarias, nas irmandades pretas e tantos outros bandos furtivos de insurgentes. Assumir a ética dos terreiros negros traz consigo um modo intensivo de existência. É no cair da noite que ocorrem os complôs, os rituais e os sacrifícios que selam o pacto entre os revoltosos.

A ruptura com a narrativa dos vencedores, bem como a ressignificação da condição brutalizante imposta sobre a negritude aproxima a história das revoltas



ameríndias com as afro-americanas. De modo similar, a conquista espanhola provocou um trauma coletivo nas sociedades indígenas, onde o colapso político e social imposto pelos colonizadores produziu a morte dos deuses e a queda do sol.

As grandes revoltas ameríndias iniciavam com a ressurreição das divindades assim, ao ressuscitar Ogum ou outras deidades, os negros conferem um espírito aos seus combates. Uma linha de fuga do quilombola que se conjuga com a do pajé, para um além do visível de uma realidade colonial, onde se projeta um mundo passado e um mundo porvir. Na contestação global representada pela marronagem, que o curandeiro se torna o ideólogo, o inspirado depositário de uma grande ideia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Subversão de identidade**. Trad. Renato Aguiar. 24° ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2023

FOUCAULT, Michael. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)** Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins fontes, 2005

OYÈRÓNKÉ, Oyêwùmí. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. Wanderson Flor. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.